



Teatrão

T 9 DEZ - 16 JAN 2022 | OMT | M14 | 31 DEZ - 2 JAN | 24-26 DEZ | INTERRUPÇÃO: 0

Partindo da obra da família, de Valerio Romão, construímos um espetáculo sobre as transformações atuais na estrutura e dinâmica das famílias. Com drama e tragédia criada pelo autor, serão cinco sessões histórias que levaramos a cena, em duas partes e em dias distintos. Nas cinco casas que mostramos, os pais sao todos Henriques, as mães são todas Martas, os filhos Rogérios, Antonios, Ritas e Raquelis e os cães Neros. As reuniões na construção familiar são as de todos nós, os velhos a quem não conseguimos atender, os novos a quem não conseguimos educar, a paixão que não conseguimos manter, o futuro que não podemos vislumbrar. da família é uma espécie de condomínio a beira de um ataque de nervos cujo ansioso é a fantasia de que achamos dever prescrever aos espetadores em dose dupla.

ESTA PRODUGA DO TEATRAO, desenhada com variadas seteite aot espetáculo, configura-se como Projeto de Intervençao e parte do universo familiar que inspirou Valério Romão no seu livro de contos Da Família e que aprofunda a narrativa que o Teatralo construiu para o quadriênio 2018-2021, a partir da metáfora da CASA. Este novo espetáculo segue, assim, a linha criada pela campanha de Coimbra em torno da ideia de "habitar coletivo", que gerou a Casa Portuguesa — Eu Salazar e A Grande Família do Mundo Portugues; a Casa do Poder — Richards, a Família, a Mundialmente, a Casa Fora de Casa — De Portas Abertas, da Família e, a produzão a estrear em setembro. Os Cadáveres são bons para agradece Míndas

ENCENAÇÃO

Desconfio que se sentar ao pé dessas histórias da família tenha algum parentesco próximo com a experiência das mil e uma noites em que a bela Sherazade noite após noite enreda e seduz o rei que a condenara a morte no amanhecer do próximo dia. Como é tido e sabido, Sherazade, arquétipo da inteligência, da intuição e da sagacidade femininas, adia sua pena ao interromper a história maravilhosa que narrara durante toda aquela jornada noturna, ao nascer do próximo dia, prometendo dar continuidade ao cair da noite. O rei, fascinado pela contação vai lhe concedendo mais um dia, até que ao cabo das mil e uma noites, mortalmente apaixonado, suspende a pena e a transforma em rainha.

Estas histórias que compõe esta obra do Valério Romão, tem essa propriedade, sem nenhum favor. Elas situam-se em um tempo mítico, nem cá, nem lá, o tempo que podemos chamar de tempo da experiência. As estruturas de que se utiliza são semelhantes às narrativas orais passadas para o papel: tem um sentido coletivo e funcionam como se atravessassem tempos e geografias, à maneira dos contos encantados, por isso atemporais e universais. Ao lê-las percebe-se e ouve-se claramente a voz do narrador.

Ao tempo em que são cotidianas e banais, facilmente reconhecíveis na nossa casa e no nosso dia a dia, carregam um elemento extraordinário e miraculoso, que, como nos contos encantados, protege as personagens e a nós espectadores da dureza dos acontecimentos que as envolvem. As famílias são gentes simples, o que necessariamente não significa humilde, mas gente comum que come e dorme, algumas com maior, outras com menor dificuldade. A presença das crianças também é uma mais valia de encantado na medida em que é comum ouvir um eco distante de suas vozes assumindo o protagonismo do olhar e do contar. Crianças são seres que justamente por estarem situadas fora da cadeia de produção tem propriedades atávicas muito além da doma do mundo das economias e das convenções adultas. Contam o que foi e o que poderá ter sido. Sem romantizá-las, estão ali em potência, agindo não necessariamente bem ou mal,

Talvez aqui fosse importante voltar ao caráter épico que o gênero narrativo contém: como nos contos encantados, eles têm uma função utilitária para a vida. Estão encharcados de uma certa religiosidade onde a compaixão pelo acontecido e pelo destino de suas personagens ultrapassa qualquer sentido moral. Por paradoxo, esta é a sua moralidade. Produzem questões que nos interrogam, colocando-nos, enquanto espectadores, num papel ativo e partícipe.

Poderíamos talvez fazer alguns paralelos com a contemporaneidade que pudessem e possam eventualmente justificar o sentido dessa encenação na atual conjuntura, no sentido em que ativem a nossa imaginação para outros mundos e formas melhores de viver. Isto tudo também talvez para investigarmos a potência avassaladora do patronímico.

Para isso, temos que voltar um pouco no tempo e na história: "...articular historicamente o passado não significa conhecê-lo 'como ele de fato foi'. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo" — Walter Benjamin

Walter Benjamin. A frase da Margareth Thatcher quarenta anos atrás: “*Não existe sociedade, existem indivíduos e as famílias*,” é o padrão hegemônico de organização do estado hoje. É o bordão dos governos à direita ou à esquerda, a palavra de ordem que organiza o espaço público.

Todo o estado de bem-estar social construído nos anos de ouro do pós-guerra e tão bem retratado no filme do Ken Loach, “*O Espírito de 45*”, vai sendo corroído às vezes mais lentamente, às vezes de forma mais assertiva e predatória ao longo desses quarenta anos.

Mesmo esses anos de ouro, também já eram, desde a segunda guerra presididos planetariamente por um acontecimento a acelerar o relógio do fim do mundo: a era atômica que desde então vivemos.

Nessa hora de citações e reminiscências é oportuno lembrar a frase de Camus, ao receber o prêmio Nobel em 57, traduzindo a função do artista, quem sabe como antevi-são profética: *“Cada geração se sente, sem dúvida, condenada a reformar o mundo. No entanto a minha sabe que não o reformará. Mas a sua tarefa é talvez ainda maior. Ela consiste em impedir que o mundo se desfaça.”*

Nessa pequena digressão do assunto, como que a confirmar sem nenhum favor a filiação da obra (agora como um todo) do Valério Romão a esta tradição crítica, é necessário emparelhar também a fala esperançosa desse belíssimo poema da Sophia de Mello Breyner, a partir dos Cravos: “*Essa é a madrugada que eu esperava / O dia inicial inteiro e limpo / Onde emergimos da noite e do silêncio / E livres habitamos a substância do tempo*”. E investindo de volta rumo ao mundo exterior, (já que para enfrentá-lo, tivemos por proteção, promover uma pequena pausa, enquanto nos investíamos das armaduras de Benjamin, Loach, Camus e Sophia) o que encontramos é, em geral um cenário desolador assombrado pelo fantasma da Thatcher: na exata dimensão da diminuição da arena publica, a descrença no poder da polis como exercício de cidadania e de desejos coletivos. A antiga sentença e palavra de ordem da Thatcher já diagnosticava não só a diminuição do papel social do estado e a sua completa submissão ao gerenciamento do capital internacional, como a precariedade do trabalho, o acirramento dos conflitos por ondas migratórias e guerras sistêmicas. As consequências daí advindas, hoje agravadas pela pandemia, com a consequente e necessária reclusão, constituem nosso backstage. E a paisagem perigosa em que se movem as famílias confinadas às suas quatro paredes.

À visão apocalíptica de um mundo, uma cidade, uma casa novinha em folha de quarenta anos e que ao se construir já é uma ruína, por sinal estrangeira, é preciso contrapor, porém, um sopro que também como reminiscência faz parte das lides populares desse território abençoado pela tradição revolucionária seja como jardim, seja como praça pública.

Felizmente o horizonte, embora cercado de farpas, ainda é uma reserva natural imensa de poesia. MARCO ANTONIO RODRIGUES

“e a alma que quer conhecer-se a si mesma, tem que observar a própria alma”

— Alcibiades, Platão

